

“SEREIAS, ANJOS E FADAS: O MARAVILHOSO FEMININO”, DE CRISTINA BRATTIG ALMEIDA, UNE PASSADO E PRESENTE

SANDRA MAKOWIECKY
LUANA WEDEKIN





“Série Fadas”, Viviane I, 2021, 89x25x39cm, de Cristina Brattig Almeida, Cerâmica canadense para escultura, com queima em alta temperatura. Acabamento em tinta acrílica por Marivone Dias. Adereços de fios de cobre. Cabos de aço para sustentação. Foto: Carlos Pontalti.

ENSAIO

“SEREIAS, ANJOS E FADAS: O MARAVILHOSO FEMININO”, DE CRISTINA BRATTIG ALMEIDA, UNE PASSADO E PRESENTE

Característico do processo criativo da artista, esse trabalho mostra um profundo mergulho nos universos que a motivam para suas séries. Para as fadas, adentrou o imaginário do ciclo do lendário Rei Arthur e da cultura celta; para as sereias, estudou por meses o Canto XII da Odisseia de Homero; para os anjos, debruçou-se sobre as hierarquias angélicas e sua iconografia.

SANDRA MAKOWIECKY
ABCA/SANTA CATARINA
LUANA WEDEKIN
ABCA/SANTA CATARINA

O feminino sobrenatural e fantástico foi o tema da exposição de Cristina Brattig Almeida. As esculturas exibidas pela artista no Museu da Escola Catarinense, em agosto e agosto e setembro de 2022, Florianópolis, Santa Catarina, estavam em perfeita sintonia com uma exposição do *British Museum*, em Londres, sob o título “*Feminine Power, the divine and the demonic*” (Poder Feminino, o divino e o demoníaco). Se no *British* os artefatos pertencem a períodos recuados no tempo, as misteriosas figuras que flutuam e pousam no hall central do MESC atestam a persistência (e contemporaneidade) desses temas antigos, ao mesmo tempo distantes e próximos, familiares e estranhos, assustadores e sedutores, em que dualidades, poder de sedução e perigo, movimento, divino e demoníaco, hibridismos, ambiguidades, são o tempo todo presentes. A exposição está dividida em 3 partes: Sereias (sereias pássaro e sereias peixe), Anjos e Fadas (Melusinas, Viviane e Morrigan/Morgana). Cada grupo liga-se a elementos diversos do imaginário feminino, mas muito especialmente



Exposição - “Sereias, Anjos e fadas: o maravilhoso feminino”, de Cristina Brattig Almeida, 2022, curadoria de Sandra Makowiecky e Luana Wedekin, Museu da Escola Catarinense. Foto: Carlos Pontalti.

aquele advindo das metamorfoses, da presença de criaturas híbridas, pertencentes a reinos diversos (água, ar, terra e fogo); vigília e sonhos; mundo dos vivos e mundo dos mortos; realidade e mito; milagre e magia.

Característico do processo criativo de Cristina é um profundo mergulho nos universos que a motivam para suas séries. Para as fadas, adentrou o imaginário do ciclo do lendário Rei Arthur e da cultura celta; para

as sereias, estudou por meses o Canto XII da *Odisseia* de Homero; para os anjos, debruçou-se sobre as hierarquias angélicas e sua iconografia. A pesquisa material é realizada com a mesma intensidade, na escolha da argila mais adequada para os projetos; na seleção dos esmaltes e na testagem de seus efeitos; na incessante rede de colaboração com outros artistas e profissionais que são consultados e contribuem com seus saberes específicos na ciência dos metais, dos esmaltes, no conhecimento das queimas, na estruturação e cabeamento das peças. Para essa exposição, fez parceria artística e consultoria com a ceramista Ariadne Vanderlinde (Teresópolis/SC), para as sereias, contou com a parceria artística de Luís Bernardes (Blumenau) e para a série das fadas, contou com Marivone Dias (Florianópolis).

São grandes empreendimentos intelectuais de uma artista com sede de conhecimento insaciável e com um profundo respeito aos ofícios e aos mestres de ofícios.

O resultado dessas verdadeiras gestas criativas não pode, contudo, ser explicado por tudo isso. Contemplamos a transformação do ambiente do museu agora tomado de seres excepcionais, e somos transportados para tempos míticos e espaços sagrados. Se olharmos com calma as figuras, cada rosto (as diversas faces de Cila, as Sereias, Melusina, Morrigan, Viviane, os Anjos) assume expressão grave, introspectiva, como se estivesse em permanente estado meditativo, concentradas em suas missões sobrenaturais. Elas têm a força e a serenidade do que persiste e atravessa as eras, elas exibem a face do misterioso: como boa arte, oferecem um lampejo de verdades eternas, sem tudo revelar.

AS SEREIAS: SEDUÇÃO E SABER

Entre os motivos temáticos da *Odisseia*, que encontramos na literatura e no imaginário humanos, avulta o tema das *Sereias*. Efetivamente, de significativa presença não apenas literária como iconográfica, as sereias povoam a Antiguidade Clássica. Entroncando-se na *Odisseia* - ao menos no que diz respeito ao mundo greco-romano - esse *topos* no entanto, atravessa tempos e espaços e reaparecerá em mitos de outras cepas culturais, com outras modulações.

Talvez seja importante remontarmos à origem mítica desses seres, o que nos levará a um dado significativo: em quase todas as variantes etiológicas do mito, está presente a música ou a poesia: não apenas em algumas versões, as Sereias são filhas das Musas *Melpomene* ou *Terpsícore* e



Exposição - “Sereias, Anjos e fadas: o maravilhoso feminino”, de Cristina Brattig Almeida, 2022. Foto: Carlos Pontalti

como, em outras, elas rivalizam com as Musas. Inicialmente apresentadas na iconografia como seres metade mulheres, metade pássaros, elas passaram posteriormente à tradição - em consonância com seu *status* de divindades marinhas - como metade mulheres, metade peixes. Mas o que as caracteriza, inescapavelmente, é o canto que encanta.

Em termos literários, a matriz é a *Odisseia* de Homero, e aí se alude às Sereias especialmente no *Canto XII*, quando Odisseu conta suas aventuras ao rei *Alcínoo* (rei dos feácios).

Ele relata sua trabalhosa volta a Ítaca e vai adverti-lo dos perigos que representam as terríveis entidades (todas femininas!) Cila, Caríbdis e as Sereias. No relato das Sereias ressalta aquilo que ao longo dos séculos restará como característica fulcral desses seres perigosos: voz maravilhosa, seduzem quem delas se aproxima, levando à destruição. As Sereias não tem nome. A “Cila”, nesta exposição, está representada como a figura em pé, de seis cabeças.

A série das sereias, concebida na



Exposição - “Sereias, Anjos e fadas: o maravilhoso feminino”, de Cristina Brattig Almeida, 2022. Foto: Carlos Pontalti

pandemia, nasceu da ideia de como a artista poderia representar seu cotidiano desbotado pelo tempo - e com isso veio a noção de dualidade. Apareceram as sereias, essas representantes da mortífera dualidade homérica. A série nasceu

espelhada nas representações da literatura e da iconografia ao longo dos tempos. E foi dicotomizada em sereias representando pássaros e sereias representando peixes.

SEREIAS PÁSSARO

No canto XII da *Odisséia*, as sereias eram pássaros e revelavam seu canto dual de vida e morte. Na natureza, os pássaros seguem representando, desta vez, o contraste entre a terra e o ar. Eles são a imagem do desejo incontido de liberdade, do silêncio, do abandonar o solo firme e do se aventurar em experimentações.

Cada uma das peças das *Sereias pássaro* possui um desenho comum para o corpo e para as asas, com diferenças nas cabeças e na esmaltação, sugerindo a distinção do pensamento. Para a artista, em seu conjunto, aparecem como uma única figura representada no plural, como se fossem fotografias de um quadro a quadro de um filme em coreografia exuberante.

As sereias pássaros mergulharam na história e ganharam escamas e caudas na idade média. Tornaram-se metade mulheres e metade peixes e transformaram-se nas figuras da sedução e da ilusão.

SEREIAS PEIXE

As *Sereias peixe* ganharam formas humanóides, com elementos femininos na face, na cabeça, nas mãos e na delicadeza dos gestos sedutores, e partes masculinas, como no quadril e nos braços, a força estampada no conjunto. Os corpos foram modelados em argila, material frágil, e as caudas executadas em ferro, material resistente. Esses materiais frágil-forte têm em comum a sensibilidade ao fogo, esse elemento vital de sedução e perigo. E aqui novamente repete-se a ideia do movimento no plural, a exemplo das *Sereias pássaro*.



“Sereias Pássaro, 2020, de Cristina Brattig Almeida, média de 14,5x35x24cm. Cerâmica canadense modelada manualmente, com esmaltação em alta temperatura. Cabos de aço para sustentação aérea. Curadoria de Sandra Makowiecky e Luana Wedekin, Museu da Escola Catarinense. Foto: Carlos Pontalti



“Sereias Peixe”, 2020, Cristina Brattig Almeida, média de 41x81x30cm. Cerâmica canadense modelada manualmente, com esmaltação em alta temperatura. Cauda em ferro patinado por Luiz Bernardes (Blumenau/SC). Cabos de aço para sustentação aérea. Foto: Carlos Pontalti.

FADAS: DUALIDADE ENTRE O DIVINO E O DEMONÍACO NA COSMOVISÃO MEDIEVAL

Melusina, Viviane e Morgana são personagens nas quais a mitologia celta se entretetece às lendas do ciclo do Rei Artur. Concebidas como uma série na produção mais recente de Cristina Almeida, são figuras femininas que encarnavam a dualidade entre o divino e o demoníaco que permeava a cosmovisão medieval. Outro aspecto que as une é que todas são fadas. Costumamos associar esses seres fantásticos aos contos populares, mas sua origem está na Antiguidade. Há mais de uma classificação para as fadas: há as fadas madrinhas, herdeiras das antigas Parcas (do latim *fatae*, cuja origem é a mesma de *fatum*, que quer dizer destino), elas decidem os destinos humanos; há as fadas amantes, as quais se apaixonam por um ser humano. Dentre estas últimas, distinguem-se a fada melusiana, que esposa oficialmente um mortal e dá-lhe filhos; e a fada morgianiana, que eleva o mortal ao outro mundo.

Há muitas versões para a história

de Melusina pela Europa, mas ela se popularizou na França. A narrativa tem estrutura semelhante em todas as versões: Melusina se apaixona por um ser humano, segue-o ao mundo dos mortais, casa-se com ele, dando-lhe um ou mais filhos e prosperidade material. Contudo, ela impõe ao esposo um interdito, que basicamente pode ser: ele não pode vê-la aos sábados ou, ainda, ele não pode vê-la no banho. Inadvertidamente ele transgride o interdito e descobre que a mulher tem um corpo de serpente ou dragão. Nesse momento dramático, Melusina solta um grito terrível. Após o grito terrificante, ela sai voando com asas de dragão para não voltar, a não ser em forma fantasmática, à noite, para zelar os filhos. As fadas melusianas de Cristina Almeida apresentam um hibridismo sutil: representadas na cor branca, seus corpos têm contornos arredondados, mas são ao mesmo tempo fortes. Duas das fadas têm uma cauda com escamas, e numa delas vemos espécies de guelras nos tornozelos. Melusina é esposa zelosa e mãe amorosa, ao mesmo tempo que é amaldiçoada como

um monstro terrível, selvagem. O grito terrificante de Melusina ao ser descoberta pode, entretanto, ser visto como brado de libertação do feminino. Somente liberta ela pode viver sua verdadeira natureza.

Viviane, também chamada Niniane, era considerada a chefe das Damas do Lago. Desse lugar mítico uma das damas restituiu a Arthur sua poderosa espada Excalibur. Seu nome está ligado ao do Mago Merlin, de quem ela teria sido amante. Numa pintura de 1872-1877 do Pré-Rafaelita Edward Burne-Jones (1833-1898), Viviane está proferindo um encanto para prender Merlin num espinheiro. Noutras versões ela o aprisiona numa pedra ou árvore. A cena revela que Viviane era uma feiticeira poderosa, capaz de encantar o próprio Merlin. A ambiguidade de caráter é uma característica fundamental de todas as personagens femininas recriadas por Cristina Almeida para a exposição. Nas diversas variantes da lenda de Artur, Viviane o protege mais de uma vez, inclusive dos ardis de Morgana, a fada que criou Lancelote. Na obra aqui exposta, Viviane plana



“Série Fadas”, Melusina I, 2021, 79x23x37cm. Cerâmica canadense para escultura, com queima em alta temperatura. Acabamento em tinta acrílica por Marivone Dias. Adereços de fios de cobre. Cabos de aço para sustentação aérea. Foto: Carlos Pontalti.

no ar. Sua face é expressiva, os olhos se encontram bem abertos, o semblante está em total concentração. Metade de seu corpo é pintado em azul, como a cor que emerge do Lago e confunde os aventureiros. A fada, através do domínio dos elementos, controla totalmente o que deseja esconder, mas o que nos revela?

ANJOS: MEDIADORES ENTRE O PLANO TERRENO E O PLANO DIVINO

A arte medieval cristã, nesta exposição, está representada também pelos anjos. De acordo com o cristianismo, os anjos são criados por Deus - criaturas divinas - e possuem qualidades plenas, sem ser Deus, sem ser homem. Sendo mediadores, auxiliam o homem nessa busca pela perfeição (alcançar Deus). O artista, em geral, materializa as qualidades e defeitos plenos dos anjos por meio das imagens, e permite que reconheçamos nas imagens, qualidades e defeitos que

identificamos nas ações humanas. Qualidades estas que existem na presença do anjo da guarda, anjos anunciadores, anjos consoladores e defeitos nos anjos decaídos. Para a elaboração visual dos anjos, que, para a teologia, são considerados “espíritos puros”, potência invisível, os artistas basearam-se em referências teóricas, relatos e descrições, além de referências imagéticas.

Como mediadores entre o plano terreno e o plano divino, as qualidades e os defeitos dos anjos também são reflexos que se encontram nos homens. Na Bíblia, não há uma especificidade sobre a hierarquia celeste. Apesar de a natureza do anjo ter sido objeto de estudo pelos padres da Igreja anteriormente ao século IV, sendo os anjos considerados seres incorpóreos, no século V, *Pseudo - Dionísio Areopagita* apresenta a presença de nove grupos na hierarquia celeste, divididos em três categorias de anjos.

Na Bíblia, é nítida a presença clara de anjos como mediadores

entre o plano divino e o terreno e o aparecimento diverso de nove tipos de presença angélica. Encontramos os serafins, os querubins, os arcanjos e os anjos, todos pertencentes à categoria de anjos. Mas também percebemos outros anjos que, apesar de mencionados, são pontuados nas passagens bíblicas rapidamente, como tronos, principados, virtudes, potestades, dominações. Além disso, a nomenclatura “anjo” tanto designa uma categoria inferior dentro da hierarquia celeste quanto termo genérico atribuído para todos os anjos, classificados de um modo geral como mediador, orientador e anunciador.

A hierarquia do *Pseudo-Dionísio Areopagita*, uma das divisões possíveis é frequentemente utilizada por estudiosos da teologia e iconografia cristã, que representa a sequência hierárquica angélica presente no espaço celeste. Como se trata de uma hierarquia, cada coro de anjos está na ordem de sua subordinação, assim como os anjos a eles pertencentes. No primeiro coro, mais próximo de Deus, aparecem os serafins, de cor



“Série Anjos”, Querubim I, de Cristina Brattig Almeida, 2022, 89x39x50cm. Cerâmica canadense para escultura, com queima em alta temperatura. Asas de ferro por Luiz Bernardes (Blumenau/SC). Cabos de aço para sustentação aérea. Foto: Carlos Pontalti.

vermelha, os querubins, com cabeças aladas de cor azul, e os tronos, que aparecem com o tronco do corpo com asa na cor azul e com gestos de oração e saudação.

No segundo coro, encontramos as dominações, as virtudes e as potestades. As dominações seguram um

etro, as virtudes seguram uma vela em chamas e as potestades seguram uma lança.

No terceiro coro, mais distante de Deus, vemos os principados, seguidos dos arcanjos e dos anjos. Os anjos, apesar de distantes de Deus, são igualmente importantes, pois estão



“Série Anjos”, Serafim II, 89x43x49cm, de Cristina Brattig Almeida, 2022, Cerâmica canadense para escultura, com queima em baixa temperatura. Asas de ferro por Luiz Bernardes (Blumenau/SC). Cabos de aço para sustentação aérea. Foto: Carlos Pontalti.

próximos ao homem e mantêm a característica de mediadores. As ordens que são mais conhecidas e disseminadas são a ordem dos serafins e querubins, da primeira hierarquia, e a dos arcanjos e anjos, da terceira

hierarquia. Tem-se o conhecimento dessas ordens devido à profusão de imagens encontradas ao longo da história da arte.

Nessa exposição, a artista escolheu os anjos Serafim, Querubim e Potestade.

A mortífera dualidade homérica vista nas sereias novamente se manifesta nos anjos do mundo cristão. A artista os concebeu como figuras femininas, por acreditar que a palavra sem dúvida recebeu o gênero errado. O Anjo é feminino, nos diz a artista. Quem duvidaria disso?

MORRIGAN: RAINHA DAS ILUSÕES OU DOS FANTASMAS

Morrigan é uma deusa celta. São muitos os seus atributos, chamada Rainha das Ilusões ou dos Fantasmas, pertence igualmente ao grupo das deusas de guerra irlandesas, juntamente com *Nemhain*, *Badhbh* e *Macha*. A guerra era considerada uma arte para os celtas e há muitos heróis guerreiros em sua mitologia. Essas divindades femininas eram capazes de conduzir psicologicamente os soldados no campo de batalha. Outra característica associada à deusa é a sedução, combinando o simbolismo guerreiro com a sexualidade e a fertilidade. Mas Morrigan tinha ainda outras habilidades, como proferir profecias apocalípticas e predizer o destino de



“Morrigan I”, de Cristina Brattig Almeida, 2022, 60x91x35cm. Cerâmica canadense para escultura, com queima em alta temperatura. Acabamento em tinta acrílica por Marivone Dias. Pedrarias aplicadas na cara, patas e ubre. Adereços de fios de cobre. Cabos de aço para sustentação aérea. Foto: Carlos Pontalti.

um guerreiro. Podia lançar feitiços, mudar seu aspecto humano e passar da forma humana à forma animal. Num dos mitos celtas, Morrigan aparece como uma jovem belíssima que declara seu amor ao grande herói *Cú Chulainn*. Mas ele a rejeita e, para vingarse, ela o ataca, transformando-se sucessivamente em águia, lobo e numa novilha vermelha sem chifres. O herói a derrota todas as vezes e, por fim, ela aparece como uma velha que ordena uma vaca e lhe dá de beber. Ele a abençoa por esse gesto e todas as feridas que ele lhe causou são curadas.

Morrigan está também ligada ao ciclo de Artur, como a fada Morgana. *Fata Morgana*, em latim, *Morgan Le Fay*, em inglês. A expressão *fata morgana* significa algum tipo de miragem, ideia que pode ter advindo do palácio secreto de Morgana debaixo das ondas. Ela e suas oito irmãs eram conhecidas como Damas do Lago e governavam as Ilhas Afortunadas, Avalon ou Ilha das Maçãs, lugar sagrado que abrigava a árvore da vida. Nesse lugar mágico, toda a vegetação crescia naturalmente e

Morgana era a grande conhecedora das plantas que podiam ser usadas para cura. Dentre suas habilidades estava a capacidade de mudar sua forma exterior e voar através do ar. Seus animais preferidos eram o corvo e a vaca. Na literatura, como Morgana, assumiu ares de vilã terrível, mas também de heroína incompreendida, para, ao final, receber o Artur ferido até sua jornada para o mundo dos mortos.

É a forma de vaca que a deusa/fada assume nessa complexa peça criada especialmente para a exposição. A vaca recebe feições humanas, cuja expressão é tranquila e insondável. A estrutura corpórea ganha contornos que lembram algum tipo de recipiente, uma arca (repleta provavelmente de segredos mágicos), sabedoria que pode - ou não - oferecer através de seus úberes carregados, cobertos de joias preciosas e brilhantes. Morrigan é um ser indecifrável.



“Fada Morrigan”, de Cristina Brattig Almeida, 2022. Foto: Carlos Pontalti.

SANDRA MAKOWIECKY

Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis - Santa Catarina - Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil Aica UNESCO. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Associada da ANPAP.

LUANA M. WEDEKIN

Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e do Departamento de Design da UDESC. Doutorado em Psicologia (UFSC), M.A. History of Art (The Courtauld Institute of Art, London, UK), Mestre em Antropologia Social (UFSC), Especialista em Estudos Culturais (UFSC), Graduada em Educação Artística, Hab. Artes Plásticas (UDESC). Membro da ANPAP, CBHA e ABCA.